



O CAMPUS DA UFPE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Eixo Temático: Teorias e práticas de intervenção no moderno

Fernando Diniz Moreira

Ph.D. em Arquitetura pela *University of Pennsylvania*, Professor Associado do PPG em Desenvolvimento Urbano (UFPE)
fernando.diniz.moreira@gmail.com

Roberto Montezuma Carneiro da Cunha

Arquiteto, Doutorando pela Universidade de Lisboa, Professor do Depto de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, Sócio-diretor da Avellar, Fernandes & Montezuma Arquitetos
robertomontezuma@gmail.com

Luiz Goês Vieira

Arquiteto-paisagista pela *University of Georgia*, Professor do Depto. de Arquitetura e Urbanismo da UFPE, Diretor da Luiz Vieira Arquitetura da Paisagem
luiz@luizvieira.com

Resumo: O campus Joaquim Amazonas da Universidade do Recife (hoje UFPE), iniciado em 1949, é mais um capítulo da rica história dos *campi* universitários brasileiros, que, em sua maioria, seguiram os princípios da arquitetura e urbanismo moderno. Apesar de sua incompletude em relação ao plano original, o campus da UFPE, é um espaço significativo de nossa herança moderna, congregando diversos exemplares da arquitetura moderno em uma sofisticada implantação urbanística moderna. Entretanto, hoje ele apresenta grandes problemas para conservar seus edifícios e espaços livres, como acontece em outras realizações de conjuntos urbanísticos modernos. Após mostrar a criação e a evolução do campus, este texto discute os desafios que envolvem a conservação e o planejamento deste espaço hoje, pertinentes também a outros *campi* no país, e aponta algumas sugestões para equacionar estes problemas e garantir sua sobrevivência para as próximas gerações.

Palavras-chave: Campus universitário, urbanismo moderno, conservação, plano diretor.

Abstract: *The Joaquim Amazonas campus of the University of Recife (now UFPE), started in 1949, is yet another chapter in the rich history of Brazilian university campuses, which mostly followed the principles of modern architecture and urbanism. Despite its incompleteness compared to the original plan, the UFPE campus is a significant space of our modern heritage, bringing together several examples of modern architecture in a sophisticated modern urban setting. However, today it faces major problems to conserve its buildings and spaces, as it happens in other realizations of modern urban ensembles. After showing the creation and evolution of the campus, this text discusses the challenges involved in the conservation and planning of this space today, which are pertinent also to other campuses in the country, and points out some suggestions to equate these problems and ensure their survival for the next generations.*

Keywords: *University campus, modern urbanism, conservation, masterplan.*



O CAMPUS DA UFPE: DESAFIOS E PERSPECTIVAS FUTURAS

Os *campi* universitários foram objetos por excelência de experimentação por parte dos arquitetos e urbanistas modernos brasileiros, particularmente a partir de meados do século XX. Eles constituem espaços significativos de nossa herança moderna, mas enfrentam contínuas ameaças em relação à sua adequada conservação. Os *campi* universitários modernos revelam uma dificuldade de adaptação às diversas transformações de caráter educacional e administrativo ocorrida ao longo das décadas, isto sem falar no significativo aumento de atividades e de usuários. Além dos problemas de conservação dos edifícios, que sofrem com a falta de manutenção e descaracterizações e reformas sem critério, ocorreram grandes alterações dos seus valores urbanísticos e paisagísticos: os amplos espaços verdes por vezes não foram devidamente apropriados e não são bem mantidos. Como, em geral, inexistem regras para novas construções, expansões de edifícios existentes e novos edifícios tem causado a diminuição das áreas verdes e alteração das disposições urbanísticas originais. Tudo isto é ainda agravado pelo fato das comunidades de usuários, em geral, não possuírem uma percepção dos seus valores e pelo fato do funcionamento desses conjuntos pressupor uma forte ação do poder público, que possui notórios problemas de gestão e tem se fragilizado nas últimas décadas. Já há algumas décadas, a disciplina da conservação tem incluído a arquitetura moderna na sua agenda, mas esta atenção tem se voltado para os edifícios isolados e pouco para os conjuntos urbanísticos.

A ideia de reunir escolas em um lugar afastado da cidade, evitando a distração e promovendo um espaço adequado para o aprendizado e a concentração, surgiu nos Estados Unidos, ainda na era colonial. Rompendo com a tradição europeia, os primeiros *colleges* norte-americanos eram localizados nas periferias das cidades ou mesmo no campo e geralmente apresentavam edifícios dispostos ao longo de um eixo central, chamados de *yard*, *quad* ou *field* (PINTO, BUFFA, 2009, p.36-37, ALFARO, 2015, p.15). O campus desenvolveu-se fortemente naquele país no século XIX e no século seguinte tornou-se um tema muito caro aos arquitetos e urbanistas ligados ao modernismo.

Na América Latina de meados do século XX os *campi* universitários cristalizaram um ideal de urbanidade, civilidade e progresso. Eram símbolos palpáveis das novas sociedades que se queria edificar. Os *campi* da Universidade Autônoma do México (UNAM) na Cidade do México, Universidade Central da Venezuela (UCV) em Caracas, e das Universidades de Concepción no Chile, de Porto Rico e de Tucumán na Argentina foram marcos da experimentação da arquitetura e urbanismo moderno no continente, com destaque para os dois primeiros pela forma como integraram arte e arquitetura (ALFARO, 2015, p.10, 15).

A influência dos conceitos norte-americanos pode ser creditada não só por estes países terem entrado na esfera de influência dos Estados Unidos no pós-guerra, mas também pelo fato de vários arquitetos estarem envolvidos como o ambiente daquele país, como Emilio Duhart, autor de plano da Universidade de Concepción, e Henry Klumb, autor do Campus Rio das Piedras da Universidade de Porto Rico (ALFARO, 2015 p.16-17). Além disso, muitos dos seus projetistas estudaram fora de seus países e estavam sintonizados com o ideário moderno, como o venezuelano Carlos Raúl Villanueva, o chileno Emilio Duhart e o mexicano Mario Pani, ou vieram de fora, como o alemão Klumb e o italiano Mario Russo, autor do plano do campus do Recife.

Apesar de terem sido criados como entidades autônomas, se contrapondo a cidade tradicional e distantes desta, os *campi* latino-americanos atraíram o crescimento urbano ao seu redor e permaneceram como espaços públicos de qualidade com áreas verdes, mas, muitas vezes, engolfados por uma massa urbana anódina, como também foi o caso do Recife.



O campus Joaquim Amazonas da Universidade do Recife (hoje UFPE), iniciado em 1949, é mais um capítulo da rica história dos *campi* universitários brasileiros. Apesar de sua incompletude em relação ao plano original, o campus da UFPE, é um espaço significativo de nossa herança moderna, congregando diversos exemplares da arquitetura e urbanismo moderno, mas hoje apresenta grandes problemas para conservar seus edifícios e espaços livres. Após mostrar a criação e a evolução do campus, este texto discute os desafios que envolvem a conservação e o planejamento deste espaço hoje, que podem ser pertinentes também a outros *campi* no país, e aponta algumas sugestões para equacionar estes problemas e garantir sua sobrevivência para as próximas gerações.

1. Criação.

Criar um campus universitário reunindo as principais faculdades da cidade em um único campus foi um sonho dos intelectuais pernambucanos desde começo dos anos 1920. Até então, a cidade contava com a Faculdade de Direito (fundada em 1827, mesmo ano da de São Paulo)¹, Engenharia (1895), Farmácia (1903), Medicina (1915), Odontologia (1926), Belas Artes (1932) e Filosofia (1940). Como em outros casos brasileiros, eram escolas independentes ocupando elegantes edifícios ecléticos, construídos para tal fim ou adaptados, nos bairros centrais do Recife. Em 1946, com a criação da Universidade do Recife agregando estas escolas, a proposta de reuni-las fisicamente em determinado território afastado da cidade começou a ganhar corpo.

A localização da futura cidade universitária do Recife esteve sempre presente no debate urbanístico que o Recife sediou no segundo quartel do século XX. Urbanistas de prestígio nacional como Atílio Corrêa Lima, Prestes Maia, Nestor de Figueiredo e Ulhôa Cintra discutiam qual o melhor plano para uma cidade moderna. Pensavam a nova rede de vias perimetrais e radiais, a distribuição das zonas industriais e das áreas verdes, a expansão da área portuária e a localização de novos equipamentos como o aeroporto e o campus universitário (MOREIRA, 1999, OUTTES, 1991).

Esses urbanistas pensaram a localização do campus no centro ou nos seus arredores imediatos, mas logo após a criação da universidade, as discussões passaram a apontar para uma grande área entre os bairros periféricos do Engenho do Meio e Várzea como o local ideal para a localização do empreendimento.² Na fronteira com a área rural, o lugar que contava com antigos engenhos e, desde 1612, com uma capela e um pequeno núcleo histórico, que seria a primeira freguesia suburbana do Recife, a Várzea. A escolha por esta área deu-se por uma decisão da *Comissão de Planejamento e Estudos da Cidade Universitária* em outubro de 1948, antes da chegada de Russo (CABRAL, 2006, p.112).

Em 1949, o projeto do campus foi encomendado a Mario Russo, arquiteto italiano recém-chegado ao Recife, convidado para ensinar arquitetura na Escola de Belas Artes de Pernambuco (EBAP). Além de exercer a docência, ele chefou o Escritório Técnico da Cidade Universitária (ECTU) durante todo o período em que esteve em Recife (1949-1955). Ele manteve escritório de arquitetura na cidade que produziu alguns marcos da arquitetura moderna local e sua atuação como professor foi fundamental para formação de vários discípulos e pela orientação moderna do curso de arquitetura da EBAP, que se tornaria independente em 1959.

¹ A Faculdade de Direito foi fundada na vizinha cidade de Olinda, mas foi transferida para o Recife em 1854.

² Outras áreas foram consideradas pela comissão, com a Ilha Joana Bezerra, mais próxima ao centro, e a área do Caçote/lbura na periferia sudoeste da cidade. Todo o processo de discussão e escolha do sítio detalhadamente recuperado por Renata Cabral (2006, p.111-116).



O projeto inicial do campus universitário é um claro exemplo de aplicação dos princípios da Carta de Atenas. O plano foi estruturado por meio de três grandes eixos, dois deles menores partindo em diagonal em relação ao eixo principal para as direções norte e sul, como um tridente, mas de forma assimétrica. Os edifícios estão estruturados ao longo destes eixos dispondo de muitas áreas livres e verdes em seus entornos. No encontro dos eixos menores com o eixo principal foi lançada uma praça cívica, que seria o lugar de encontro de toda a comunidade e onde a Reitoria estaria localizada. O projeto dos edifícios considerou aspectos funcionais e climáticos, sendo locados sem uma relação direta com as vias, criando grandes áreas verdes

O campus teve um importante papel na transformação urbana do Recife, tendo sido um dos indutores do crescimento na área oeste da cidade.³ Ele foi logo acompanhado por loteamentos privados, autoconstrução de casas populares, implantação de indústrias na periferia e, nas décadas seguintes, por outros equipamentos de iniciativas federais (Colégio Militar do Recife, Escola Técnica, SUDENE).

Mesmo não tendo participado do processo de escolha do terreno na várzea, Russo defendeu com veemência a área diante das críticas de ser longe do centro urbano (CABRAL, 2006, p.41). O ECTU foi criado em 1949 com a responsabilidade pela confecção dos planos, obras e projetos do campus e dos seus primeiros edifícios.

O projeto inicial do campus universitário de 1949 é um claro exemplo de aplicação dos princípios da Carta de Atenas. O plano foi estruturado por meio de três grandes eixos, dois deles menos largos partindo em diagonal e assimetricamente do eixo principal para as direções norte e sul, como se fosse um tridente. Os edifícios estão estruturados ao longo destes eixos dispondo de muitas áreas livres e verdes em seus entornos. No encontro dos eixos menores com o eixo principal foi lançada uma praça cívica, que seria o lugar de encontros de toda a comunidade e onde a Reitoria estaria localizada.



Figura 1 Mario Russo (ETCU), Plano Urbanístico para a Cidade Universitária do Recife (1949) Fonte: e Cabral, 2006, p.32

A Escola de Medicina ocupou o quadrante logo no lado direito da entrada principal, ao longo da BR101 (norte). Do lado oposto, ocupando outro quadrante estava o Centro Esportivo. As

³ Até os anos 1930, a estrutura urbana do Recife era definida por um núcleo central (formado pelos bairros do Recife, Santo Antônio, São José e Boa Vista) e pelos pequenos núcleos dispersos pelo atual território da cidade, configurando uma disposição axial em que todas as linhas convergiam para o porto (CASTRO, 1954, p.88). A partir da década de 1940, estes núcleos foram sendo gradativamente incorporados ao crescimento urbano, tendendo a formar uma mancha urbana única, geralmente por meio de aterros (MELO, 1978, p.70-71, MENEZES, 1990, p.12, ANDRADE, 1990, p.20-21). O Recife tinha 348.424 habitantes em 1940, 524.682 em 1950, e 797.234 em 1960, ou seja, a população cresceu aproximadamente 50% a cada década, chegando a dobrar entre 1950 e 1970 (Pontual, 1997, p.236)



outras faculdades (Química, Direito, Filosofia, Economia, Belas Artes e Engenharia) ocupavam as áreas ocupariam as áreas dos outros dois quadrantes ao fundo. Os edifícios foram locados sem uma relação direta com as vias, criando grandes áreas verdes. Eles possuíam em média três pavimentos, com exceção daqueles ao redor da praça cívica, que seriam um pouco mais altos. Todos foram pensados levando em consideração fatores climáticos, por isso eram relativamente estreitos para facilitar a captação e saída da ventilação. Pórticos e palmeiras foram utilizados como forma de prover continuidade visual entre os blocos, da mesma forma como foram utilizados nos planos de Le Corbusier e de Lucio Costa para a Universidade do Brasil no Rio de Janeiro (CABRAL, 2006, p.46). Blocos de habitação para professores e funcionários estariam às margens da futura BR101. É importante ressaltar que o Canal do Cavouco que nasce dentro do campus e cruza-o por inteiro não foi considerado nesta primeira versão do projeto.

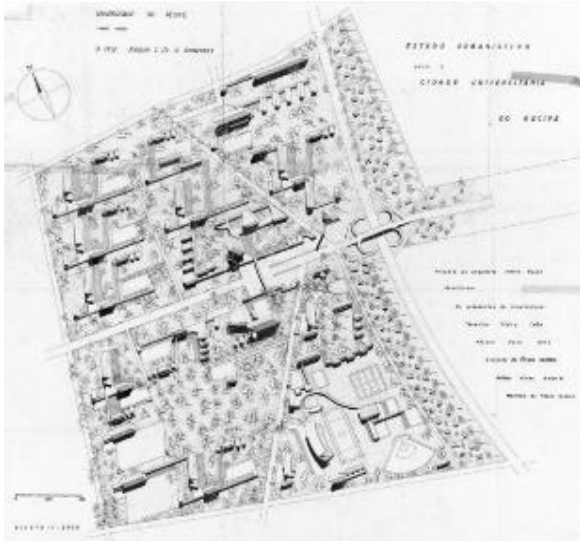


Figura 2 Mario Russo (ETCU), Plano Urbanístico para a Cidade Universitária do Recife (1949) Fonte: UFPE. (esquerda), Mario Russo (ETCU), Plano Urbanístico para a Cidade Universitária do Recife (1951) Fonte: IPHAN (direita).

O plano de Mário Russo sofreu três revisões do projeto inicial (1951, 1955 e 1957) evidenciando o aumento das necessidades espaciais.⁴ A versão de 1951 promoveu pequenos rearranjos nos setores de medicina e esportes e na praça cívica⁵, mas a mudança mais marcante decorre do aproveitamento do riacho Cavouco como um elemento paisagístico por todo o campus, formando um pequeno lago próximo de uma antiga casa grande do engenho e sendo ladeado por caminhos para pedestres.

A versão de 1955 trouxe poucas modificações, mas destacou-se pela introdução de edifícios altos como moradias de professores no lugar de casas e pelo tratamento mais retilíneo dado ao Riacho Cavouco. Neste plano, já aparecem os edifícios projetados e ou em construção como a Faculdade de Medicina e o Instituto de Antibióticos.

⁴ Em sua pesquisa de mestrado, Renata Cabral apontou para a existência de dois planos no arquivo de Mario Russo (hoje depositado na Fundação Joaquim Nabuco) com as datas de “nov de 1952” e “1949-1956”. Como é possível que em 1951 e 1955 estes planos já estivessem prontos, a autora, com razão, mantém a datação 1951 e 1955 (CABRAL, 2006, p.49).

⁵ Na Escola de Medicina, o edifício do Hospital das Clínicas ficou maior e mais próximo da BR 101, e no de esportes, um ginásio substituiu um campo de beisebol. A praça cívica teve seu desenho alterado para receber um anfiteatro.

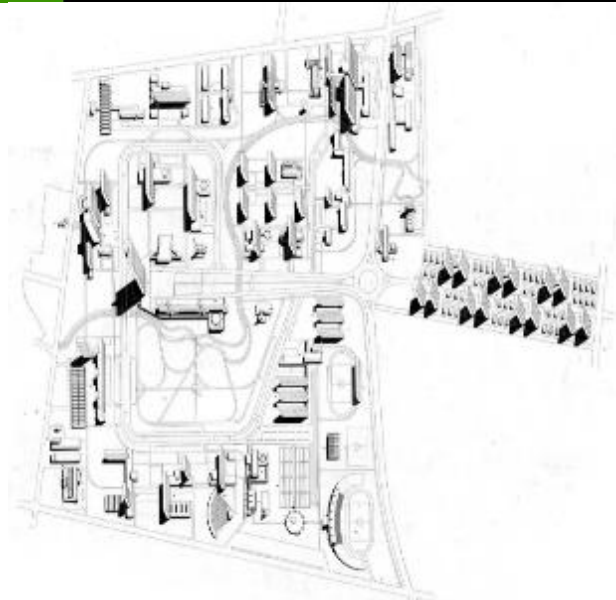


Figura 3 ETCU, Plano Urbanístico do Campus da Universidade do Recife, 1957. Fonte: Acervo UFPE

A versão de 1957, que já não contou com a participação de Russo, trouxe alterações maiores, mas sem comprometer a orientação original. Embora persistam elementos do plano de Russo como a Praça Cívica e o eixo principal, a versão introduz grandes blocos verticais, como a Faculdade de Filosofia, com o intuito de preservar o máximo de área verde. A praça cívica foi deslocada um pouco mais para o interior do campus seguindo o eixo monumental e recebe um edifício muito alto, presumidamente um edifício administrativo onde estaria localizada a reitoria. O setor residencial passa a ocupar o outro lado da via que viria a ser a BR101, também com edifícios bem mais altos que a versão anterior.

A criação do campus da Universidade do Recife foi muito além da simples reunião das escolas. Ela se insere em um amplo debate das elites locais sobre as disparidades regionais, o subdesenvolvimento da região Nordeste, e a necessidade de reformas sociais visando a diminuição das gritantes diferenças de renda, visando o desenvolvimento da região.⁶

2. Consolidação

A dimensão da empreitada e a escassez de recursos, apesar dos esforços do reitor Joaquim Amazonas frente ao governo federal, fizeram com que muitos dos edifícios propostos inicialmente não fossem construídos. A implantação do campus universitário iniciou-se com as obras de infraestrutura e com uma série de projetos de Russo e de seus auxiliares diretos durante sua chefia entre 1949 e 1955. Esses últimos colocaram em prática muitos dos seus princípios, como Filippo Mellia (arquiteto italiano responsável pela Escola de Filosofia, restaurante e residência universitária); Heitor Maia Neto (Instituto de Tisiologia e Faculdade de Arquitetura); Everaldo Gadelha (Biotério, Escola de Enfermagem); Mauricio Castro (almoxarifados) e Reginaldo Esteves (Instituto de Micologia). A maioria destes projetos só foi construída alguns anos depois de Russo ter deixado o Recife. Apenas dois dos vários edifícios

⁶ Neste mesmo contexto foram criadas a *Comissão de Desenvolvimento Econômico de Pernambuco* (CODEPE), em 1952, um órgão com o intuito de promover debates, produzir estudos e assessorar o governo do Estado no trato destas questões, e a *Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste* (SUDENE), em 1959, para elaborar estudos e projetos e apoiar e financiar projetos de indústrias e outras atividades econômicas que pudessem reverter a estagnação econômica da região.



por ele projetados para o campus foram construídos: A Faculdade de Medicina e o Instituto de Antibióticos.⁷

Construída entre 1949 e 1958, a **Faculdade de Medicina** foi pensada a partir da articulação de cinco blocos, cada um diferentes alturas, dimensões e recuos em relação às vias gerando uma composição de forte dinamismo. Contendo salas de aula, salas de pesquisa e laboratórios, os blocos foram dispostos de acordo com a afinidade entre as diferentes disciplinas e de forma a se conseguir a melhor iluminação e ventilação. A formação racionalista italiana de Russo, que conjugava o racionalismo com permanências clássicas, levou a uma sutil síntese na qual blocos modernos com a clara distinção entre estrutura e vedação fossem articulados por meios de eixos e pórticos de acesso.

Último projeto de Russo no campus, o **Instituto de Antibióticos** (1952-1956) é também o mais dinâmico e ousado. O prisma puro original passa a incorporar volumes como o auditório, mas ambos apresentam fachadas inclinadas em sentido inverso. Apesar de ocupar o térreo, Russo criou um pavimento vazado que revela a estrutura e confere leveza e dinamismo ao conjunto. A rampa que se desenvolve ao redor do auditório e as generosas marquises e planos fortalecem esta impressão.

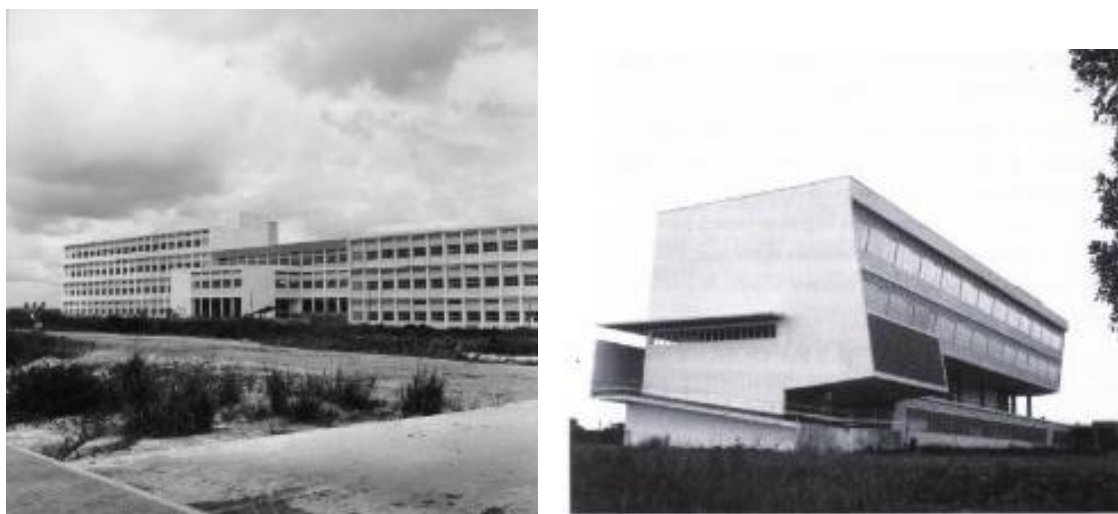


Figura 4: Mario Russo, Edifícios da Faculdade de Medicina (1949-1954) e do Instituto de Antibióticos (1952-1956). Fonte: Acervo Fundação Joaquim Nabuco/Acervo da UFPE

Os edifícios foram sendo construídos lentamente nos anos seguintes à partida de Russo. A Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (1962) (hoje Centro de Filosofia e Ciências Humanas, CFCH) de Filippo Mellia destaca-se pela sua altura no campus. A Faculdade de Ciências Econômicas (hoje Centro de Ciências Sociais Aplicadas, CCSA) foi inaugurada em 1961 com projeto também de Mellia e recebeu uma extensão de Antonio Didier, Rosário e Nilson Cerquinho, alguns anos após. Em 1966, é inaugurado o Centro de Tecnologia e Geociências de Antonio Didier. A Reitoria, também projeto de Mellia foi transferida da área central para o lado oposto da BR101, ficando segregada dos demais centros de ensino. Assim,

⁷ Russo construiu ainda o Instituto de Biologia Marinha na Praia de Piedade. Entre 1951 e 1955, ele desenvolveu o projeto para o Hospital das Clínicas, mas só a estrutura foi erguida e o edifício foi concluído apenas em 1975, mas sem seguir seu projeto. Ele produziu ainda dois projetos para a Escola de Engenharia (1953-1954), casas para funcionários e prédios de apartamentos tipo para professores (Cabral, 2006, p.71-79)



um dos pilares do projeto a Praça Cívica não foi implementada. No final da década de 1960, muitos cursos ainda aguardam fora do campus, como foi o caso de Arquitetura e Belas Artes.



Figura 5: Vistas aéreas do Campus da UFPE na década de 1960: 1 Faculdade de Ciências Econômicas, em primeiro plano, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (direita) e Faculdade de Engenharia (esquerda), em segundo plano; 2 Faculdade de Engenharia em primeiro plano. Fonte: Acervo: UFPE.

Em 1965, a Universidade do Recife foi federalizada e transformada na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Em 1968, após a reestruturação acadêmica que definiu a organização das universidades em centros, departamentos e cursos, o campus foi aos poucos sendo pensado em centros e não mais como escolas isoladas.

Nos anos 1970 outros edifícios significativos foram construídos, explorando os materiais como concreto exposto, como a Biblioteca Central de Mauricio Castro e Antonio Didier (1970), o Centro de Educação de Waldecy Pinto, Renato Torres e Antonio Didier (1970), o Núcleo de Processamento de Dados (NPD) de Sena Caldas e Polito (1975-1976) e o Centro de Artes e Comunicação de Reginaldo Esteves e Adolfo Jorge (1972-1975). Com o passar dos anos os centros e departamentos foram tomando seu espaço no campus, entretanto não há registro que mostre se essa ocupação seguiu algum plano, embora tenha sido elaborados planos diretores em 1972 e 1985.

Em 1972 o paisagista **Roberto Burle Marx** liderou uma equipe responsável pela elaboração do Plano Diretor da Cidade Universitária. Apesar de não constarem registros escritos sobre esse plano, é possível constatar a valorização das áreas verdes criando bolsões e a consolidação dos caminhos de pedestres pelo campus que levam a espaços mais amplos e arborizados.

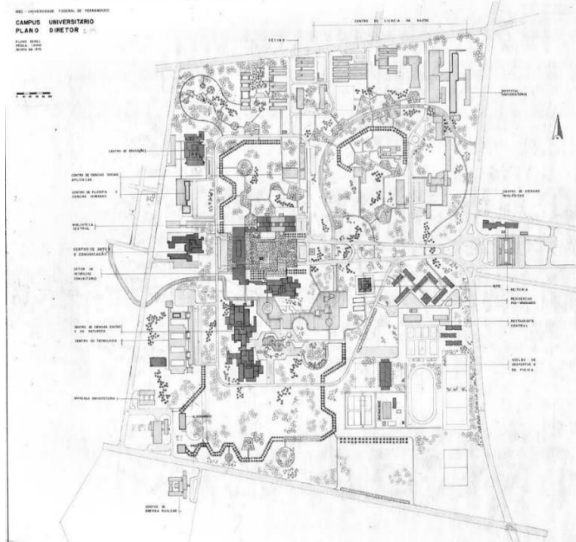


Figura 6: Esquerda: Roberto Burle-Marx, Projeto paisagístico do campus (1972). Fonte: Acervo da UFPE; direita: Plano Diretor Físico. Zoneamento. Fonte: UFPE, 1985, p.53

O **Plano Diretor de 1985**, elaborado pela Reitoria, dividiu o campus em grandes bolsões por afinidades de usos, em parte coincidindo com a divisão dos centros recentemente estabelecida, mas são previstas áreas administrativas (UFPE, 1985). O plano prevê o deslocamento da reitoria para um centro de interesse comunitário (zona 16) a ser localizado no final do eixo principal, retomando uma proposta que estava presente em todos os planos, e a criação de uma via parque margeando o Canal do Cavouco, que recebe um tratamento em toda sua margem. O plano tem um criterioso estudo de dimensionamento de novos edifícios buscando evitar a ocupação desenfreada das áreas livres.

A última proposta de Plano Diretor foi elaborada em 2005 por uma equipe liderada pelo professor e arquiteto Antônio Amaral. Este plano tinha como ideia principal a manutenção das características mais marcantes do campus: o eixo monumental, estrutura viária, paisagismo e valorização dos edifícios notáveis ligados à origem do Campus. O plano ainda define normas para a implantação para novas edificações, que deveriam estar afastadas 20 metros em relação ao sistema viário e de 15 metros entre si, e prevê a expansão da área esportiva, implantação de ciclovias e o atendimento a demandas imediatas, Apesar do plano não ter sido finalizado, suas pesquisas serviram como base para o desenvolvimento físico do campus universitário durante os últimos anos.



Figura 7: UFPE, Plano Diretor de 2005. Perspectiva. Fonte: UFPE, 2015, p.13



Em síntese, apesar de não ter sido totalmente finalizado de acordo com os planos originais, o campus detém grandes qualidades urbanísticas e espaciais, assim como significativos exemplares de edifícios modernos, que merecem ser preservados para as futuras gerações. O projeto do campus foi generoso no que se refere aos espaços livres e a paisagem, sendo hoje um espaço verde estratégico para a cidade, mas tem sofrido devido à ausência de uma política contínua de conservação e gestão dos edifícios e espaços livres.

Apesar do vasto esforço destinado ao planejamento, verifica-se que ao longo dos anos esses planos não foram considerados nas definições das novas edificações, vias e acessos. De meados dos anos 1980 em diante, centros e departamentos construíram extensões e novos edifícios sem critérios e regras claras estabelecidos para construções e ampliações, acarretando uma diminuição das áreas verdes do campus, justamente uma das qualidades mais marcantes do campus.

3. Desafios Atuais

O campus da UFPE precisa hoje dar suporte a um grande número de atividades de ensino, pesquisa e extensão. Atualmente, no seu campus Recife a UFPE oferece 92 cursos de graduação presenciais, 75 mestrados acadêmicos, e 53 doutorados, além de 64 cursos de pós-graduação lato sensu – especialização.⁸ Com uma área de 1.536.450 m², o campus conta com 31.000 alunos, 2.200 professores e 2.800 servidores técnico-administrativos, além do fluxo permanente da comunidade externa que utiliza a infraestrutura do Campus.⁹

Nestes últimos anos vem ocorrendo uma pressão advinda das diversas unidades por mais área construída. Com a criação de novos cursos, a instituição tem criado novos espaços físicos e ampliado os espaços existentes. O programa REUNI do governo federal levou a construção de muitas extensões entre 2007 e 2014. Neste período, a universidade concluiu, a construção de mais 12367,60 m², como os três Núcleos Integrados de Atividades de Ensino (NIATE), que abrigam salas, laboratórios, auditórios e salas de estudo (UFPE, 2015).



Figura 8: Vista geral do Campus da UFPE a partir do topo do edifício do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFCH) em 2009. Foto: Cristiano Nascimento.

Alguns centros e departamentos fizeram expansões, geralmente horizontais, para atender demandas imediatas, mas inexisteriam (e continuam sem existir) **critérios e regras claras estabelecidos para a construção e ampliação de edifícios no campus**, nem de afastamento entre estes, o que se reflete na alta densidade populacional em algumas áreas em contraste com a baixa densidade de outras. Além disso, não é respeitado um afastamento mínimo com relação ao curso d'água do Riacho do Cavouco, resultando em construções

⁸ Além do Campus do Recife, ela conta, desde 2005, com dois novos *Campi* em Caruaru e Vitória de Santo Antão, que não serão tratados neste artigo.

⁹ Desta área total, 152.947m² são cedidos a terceiros. Dados do Inventário dos Bens Imóveis, 2007



próximas às suas margens. Essa ampliação da área construída tem como resultado direto a redução das áreas verdes, que é justamente uma das qualidades mais marcantes do campus.

Durante décadas, a falta de políticas de **gerenciamento e manutenção dos edifícios e equipamentos** levou a um estado de precariedade dos edifícios, particularmente aqueles mais antigos e mais representativos, que foram descaracterizados por ampliações e reformas. Apesar da ampla área construída percebe-se no campus uma carência de áreas destinadas ao ensino. Muitos cursos sofrem com a falta de salas de aula ou com a falta de manutenção destes espaços. Entretanto, uma pesquisa feita pela Prefeitura do campus mostrou que a área construída destinada às salas de aula seria suficiente para abrigar todos os alunos matriculados, o que aponta também para problemas de gerenciamento desses espaços (UFPE, 2015).

A vocação do campus para ser um **polo de difusão artística e cultural** e como uma **área de lazer** não está sendo aproveitada, pois são poucos os espaços disponíveis para esta natureza. Apesar das **áreas verdes** ainda existentes, as pesquisas para o plano diretor mostraram que há uma carência espaços verdes acessíveis e apropriados ao uso, tanto para a comunidade da UFPE como para a população que mora no seu entorno (UFPE, 2015, p.17). O campus oferece poucos equipamentos para a prática de esportes e estes não estão bem mantidos.

Em termos de **infraestrutura**, um dos grandes problemas reside na mobilidade, tanto no acesso ao campus como no âmbito interno.¹⁰ O entorno do campus assistiu nas últimas décadas um acelerado processo de dinamização, motivados pela expansão do Recife em direção ao Oeste. Apesar da posição estratégica na malha urbana, às margens da BR 101 e da BR 232 que conectam todos os municípios da Região Metropolitana do Recife, assim como grande parcela do interior de Pernambuco e os Estados vizinhos, o acesso ao campus por transporte público é deficitário, dada a falta de investimentos neste modal. De acordo com pesquisa do Departamento de Engenharia Civil, 67% dos usuários utilizam este modal para ter acesso ao campus (UFPE, 2015, p.19). Há ainda o pouco incentivo da Prefeitura Cidade do Recife para a implantação de ciclovias e ciclofaixas. A deficiência do transporte público tem feito com que a parcela mais abastada dos usuários utilize o automóvel, o que demanda grandes áreas para estacionamento.



¹⁰ Em termos de infraestrutura, o campus Recife possui um sistema próprio de abastecimento d'água, que funciona a contento, mas apresenta deficiências em termos de esgotamento sanitário, tendo em vista que apenas o setor de ciências da saúde tem esgotamento, sendo o resto de campus de sistemas tipo fossa e sumidouro. Diante da sobrecarga causada pelo aumento da demanda do campus e da vizinhança leva ocasionalmente ao corte do fornecimento e de energia elétrica.



Figura 9: Vistas do Campus da UFPE ilustrando problemas atuais: falta de manutenção das áreas verdes e dos edifícios, comércio informal e pouca permeabilidade com a vizinhança. Fotos: Luiz Vieira, 2016.

O Campus apresenta **pouca permeabilidade com os bairros vizinhos** (Várzea e Engenho do Meio), devido ao fato de ele ter sido sempre pensado como uma entidade autônoma. Dessa forma, o campus é até hoje uma grande área desconectada da cidade, o que acaba limitando os usos do campus à comunidade acadêmica, professores e funcionários e transformando-o em um lugar sem vitalidade em determinadas horas e dias da semana. O fato de o campus estar cercado dificulta o acesso a pé dos usuários e da comunidade local, o que é agravado pela precariedade das calçadas externas e por sua obstrução por parte do comércio informal.¹¹ A falta de um controle urbanístico por parte da Prefeitura da Cidade levou a proliferação do comércio informal nas calçadas exteriores, mas há também uma enorme quantidade de vendedores ambulantes dentro do campus. Apesar da revitalização de parte das calçadas do campus, há muito o que se fazer para deixá-lo acessível a pessoas com problemas de mobilidade.

Apesar da sua significância, o campus enfrenta uma série de carências para desempenhar a sua função a contento. Estes problemas levaram a reitoria a pensar em um novo plano diretor, por meio da criação de uma comissão técnica que se reuniu ao longo de 2014 e 2015 com a missão preparar um documento com propostas para discutir com a comunidade. Pensar o futuro do campus exige entender seus valores e particularidades e implantar ações e políticas que o capacite para melhor desempenhar sua função, sem comprometer suas qualidades.

4. Perspectivas

A comissão do plano diretor partiu da premissa que este conjunto moderno detém uma série de valores que devem ser levados em consideração em qualquer proposta de conservação ou intervenção. O campus tem valor cultural (representa a ideia de progresso por meio dos amplos espaços criados pela arquitetura e urbanismo modernos); valor social (representa os

¹¹ O campus é cercado por grades em todo o perímetro do campus, restando apenas dois acessos para automóveis e oito acessos exclusivos para pedestres.



esforços das elites intelectuais locais para transformar a sociedade pernambucana por meio da educação; valor estético (pela experiência espacial por meio da integração visual entre as massas e vazios) e valor documental (novas formas de pensar o espaço e novas técnicas de construção). Buscou-se então elaborar uma estratégia para manter estes valores e qualificar o campus, buscando atenuar as carências dos mais diversos tipos, gerenciar as novas construções e conservar o estoque construído.

Pensar o campus no futuro implica enfrentar uma série de desafios:

- Como atender às novas demandas por mais área construída e manter a relação entre cheios e vazios, sem um adensamento que o descaracterize?
- Como adaptar as disposições espaciais existentes para as novas demandas?
- Como incorporar os novos requisitos de acessibilidade e de economia de energia, que não existiam na época em que a maior parte do campus foi construída?
- Como lidar com as diferentes unidades de paisagem existentes no campus, que possuem significados e características distintas?
- Como criar requisitos para os novos edifícios que venham a contribuir para unidade do conjunto sem dificultar a inovação arquitetônica?
- Como instaurar uma relação com os bairros lindeiros e com a cidade sem fazer o campus perder sua autonomia e identidade?
- Como explicitar e convencer a comunidade dos valores históricos culturais do conjunto?

Estas questões, que também podem ser pertinentes aos principais *campi* do país, são difíceis de serem aqui respondidas, mas pode-se pensar em algumas estratégias em termos urbanísticos e paisagísticos para gerir este grande conjunto, que são sintetizadas a seguir.

As discussões efetuadas entre 2014 e 2015 apontaram para a criação de estratégias urbanísticas que se dariam em três níveis, com o objetivo de transformar o Campus da UFPE em um parque do conhecimento: 1) no nível das relações com a cidade e sua Região Metropolitana 2) no nível do entorno imediato do campus, e, por fim, 3) no nível interno.¹²

A relação entre o campus e a cidade do Recife

No que diz respeito à relação entre o campus e a cidade do Recife, deve-se buscar uma visão do campus dentro do âmbito metropolitano, contemplando propostas de planejamento integrado e diretrizes de curto, médio e longo prazo. A abundância de área verde e a existência de um curso de água – o riacho do Cavouco, afluente do Capibaribe, faz com que o campus se destaque hoje como umas das principais áreas verdes da cidade, o que por si

¹² Esta seção do texto parte das propostas preliminares discutidas pela Comissão Técnica do Plano Diretor da UFPE entre 2014 e 2015, expressas no documento *Plano Diretor UFPE- Campus Recife* (2015). A comissão foi descontinuada e o processo do Plano Diretor estacionado em 2016. A comissão era constituída pelos arquitetos Vilma Villarouco (coord), Roberto Montezuma, Luiz Vieira, Fernando Diniz, Ênio Eskinazi, Carlos Falcão e Silmara Melo e pelos engenheiros Mauricio Andrade e Ronald Vasconcellos. Posteriormente, os autores deste artigo continuaram os estudos buscando avançar e dar corpo a estas ideias como vista a deixar um registro para as próximas gestões da UFPE. As propostas aqui contidas foram desenvolvidas de forma articulada a um projeto maior de reestruturação da própria cidade, o *Parque Capibaribe: A Reinvenção do Recife como Cidade Parque*, em desenvolvimento desde 2014, fruto de um convênio entre a Prefeitura da Cidade do Recife e a UFPE. Este artigo não necessariamente expressa as opiniões das atuais equipes responsáveis pelo planejamento físico do Campus da UFPE, nem do Parque Capibaribe.



só justifica a estratégia de consolidá-lo como um parque. Para tal, é preciso otimizar as conexões existentes do campus com os principais eixos viários da zona oeste, Avenidas Caxangá e Recife e Rodovias BR101 e BR232, que se cruzam numa área bem próxima ao Campus. Esta condição viária pode facilitar uma reconexão do Campus com equipamentos externos quando forem superados os entraves atuais de transporte urbano. A prioridade deve ser conferida ao transporte de massa, articulando junto ao Consórcio Metropolitano de Transportes, melhorias nas linhas de acesso e na conexão com linhas do metrô e BRT, de forma a facilitar a opção dos usuários por este modal, e assim, tornar possível a redução de áreas de estacionamento internas.

Relação do campus com o entorno imediato

No que diz respeito à relação do campus com o entorno imediato deve-se buscar uma integração entre o campus e os bairros vizinhos. Como outros *campi* universitários, o campus do Recife foi pensado como uma unidade autônoma com poucas relações com o entorno imediato. De fato, grande parte do tecido urbano ao redor do campus foi surgindo depois de sua criação, a partir de projetos de loteamentos residenciais, ocupações irregulares e de outros equipamentos públicos, todos de forma desconectada entre si.

Como primeira estratégia, sugere-se a retirada das grades ao longo do perímetro do campus e a abertura dos prédios sem maior interesse histórico e arquitetônico para as ruas frontais, por meio de fachadas ativas. Isto propiciaria espaços de transição entre o comércio formal e informal acordados através do processo de ativação.

Como segunda estratégia, sugere-se a implementação uma rua parque contornando todas as faces do campus, o que possibilitaria uma grande faixa de integração espacial, incluindo ciclovias, arborização e calçadas generosas, contornando todas as faces do Campus – Norte, Sul, Oeste e Leste. Esta última ainda mais desafiadora, por ter que integrar a reitoria e os jardins da Sudene, projetados por Burle Marx, cortada pela BR-101.

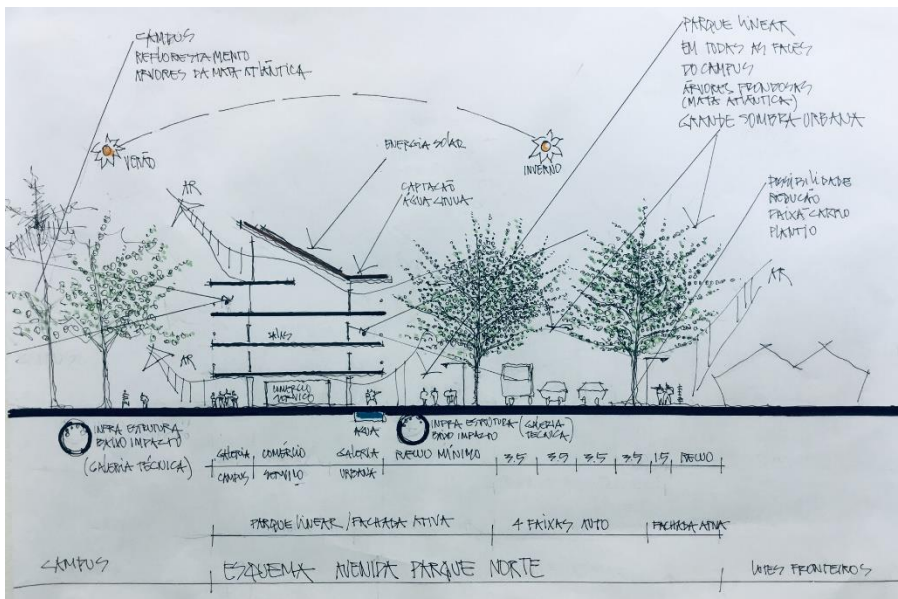


Figura 10: Corte esquemático da Avenida Parque contornando o Campus na face norte Fonte: autores (2017)

Por fim, a terceira estratégia reside na criação de ruas verdes de infiltração, a partir da rua parque proposta, que possibilitem uma ligação entre o Campus e os diversos atrativos dos



bairros vizinhos, a exemplo da Praça da Várzea, o Rio Capibaribe e a Mata Atlântica. Devem ser feitas também ligações entre o campus com as massas verdes circunvizinhas, como o Instituto Ricardo Brennand, a Oficina Francisco Brennand e a Mata do Curado (ao oeste e ao sul) e com o Parque Capibaribe este em implementação ¹³ (ao leste), estimulando uma conexão pela linha do Riacho do Cavouco, chegando até à sua confluência com o Capibaribe, no bairro da Iputinga. Esta integração pode se dar por meio de ciclovias integradas, ruas-parque e parque lineares entre outros.



Figura 11: Representação do Campus da UFPE, mostrando sua localização estratégica junto às principais rodovias que cortam a Região Metropolitana e as articulações pensadas com as áreas verdes da Oficina Brennand e do Instituto Ricardo Brennand e com o Parque Capibaribe. Fonte: Intervenção dos autores sobre Prancha do Projeto Parque Capibaribe. (2018)

O espaço interno do campus

Em relação ao terceiro nível, ao **espaço interno do campus**, sugere-se como estratégia geral o resgate de seus valores urbanísticos, arquitetônicos e paisagísticos originais, por meio de sete elementos espaciais, descritos a seguir (A a G). A paisagem do campus universitário da UFPE pode ser percebida por meio de várias paisagens, com significados e características distintas que precisam ser objeto de projetos específicos de paisagismo.

¹³ O Projeto Parque Capibaribe, desenvolvido desde 2014 por meio de um convênio entre a Prefeitura da Cidade do Recife e o **INCITI - Pesquisa e Inovação para as Cidades** da UFPE, prevê um sistema de parques integrados ao longo das duas margens do rio Capibaribe no Recife, totalizando 30km. O projeto busca reconectar a cidade com as águas do rio, resgatando a bacia hidrográfica como espinha dorsal da cidade através de áreas de lazer, descanso e bem-estar, com prioridade para o pedestre e o ciclista. A iniciativa, que irá interligar espaços e efetivar uma forma mais fácil e segura de se deslocar pela cidade



Figura 12: Estratégias urbanísticas para o campus da UFPE. Fonte: UFPE, 2015.

A Esplanada monumental; B Eixo gregário; C Espaços de estar e convivência; D Parque linear do Cavouco; E Parque histórico cultural; F Parque de lazer da Lagoa do Cavouco; G Parque esportivo. Fonte: Intervenção dos autores sobre Google Earth (2017)

O **grande eixo monumental (A)** de entrada no campus deve permanecer como um amplo espaço gramado aberto, um espaço cívico que pode abrigar diversos eventos. Esta seria uma implementação da praça cívica proposta nos planos de Russo, Burle-Marx e nos planos de 1985 e 2005, deve ser implementada, mas sem retirar o protagonismo do eixo, do centro de convenções e da biblioteca. O eixo deve receber um tratamento paisagístico que reafirme seu papel de esplanada, por meio com renques de árvores e palmeiras nas laterais para melhor definir as bordas. Deve-se evitar canteiros que comprometam a imensidão do espaço verde.



Figura 13: Propostas preliminares para o eixo monumental com um dos espaços de estar e convivência
Fonte: intervenção dos autores sobre foto retirada do Google Earth.

Próximo a esta praça a ao eixo monumental, propõe-se a formação de um **eixo gregário (B)**, do lado onde está localizada a Biblioteca Central e onde seriam implantadas atividades integradoras da comunidade universitária. Uma largo passeio e ciclovia deve ser implantado no lado norte da esplanada e ao longo dos prédios existentes. Essa alameda deve prover espaços de estar, arborização, canteiros e equipamentos diversos. A proposta é que esse corredor principal de pedestres tenha grande vitalidade com o fluxo de alunos, professores, funcionários e visitantes. Nesse eixo, já se encontram a Biblioteca (1970) e o Restaurante Universitário (2007) e, no lado oposto do eixo monumental, o Centro de Convenções, Teatro e concha acústica (1998).

Espaços de estar e convivência (C) de diferentes dimensões foram pensados ao longo do campus propiciando experiências sensoriais tanto nas pessoas em movimento como nas paradas. Para eles se voltariam os edifícios do campus criando espaços de estar. Foi proposto um centro de convivência para a UFPE, nas proximidades da biblioteca e pelo restaurante universitário, no final da esplanada cívica. Este lugar pode se tornar a apoteose do eixo cívico e cultural, onde grandes fluxos de pedestres se encontram, propiciando uma atmosfera para interação social, com movimentação e locais para sentar e olhar pessoas, conversar e relaxar. Os espaços e passeios além da função de conexão também atendem à função lúdica de desfrutar as vistas do ambiente.

O Parque linear do Cavouco (D) foi proposto ao longo deste riacho, hoje canalizado, que corta o campus. O riacho Cavouco nasce dentro do campus, formando uma lagoa, sai e retorna ao lado do Centro de Artes e Comunicação para se estender até o Hospital das Clínicas, resultando num imenso sistema ambiental que deve ser explorado através da despoluição das águas e do replantio de espécies vegetais da mata ciliar, como suporte para a ave-fauna e animais silvestres. O canal poderá servir também para a recreação por meio do uso de comportas para possibilitar o uso de pedalinhas e caiaques pelas pessoas que



frequentam o campus. Outra proposta é que a pista de cooper e passeio seja ampliada ao longo de suas margens e complementada por espaços de estar e contemplação

A área verde atrás do centro de convenções deve ser transformada em um **parque histórico e cultural (E)** com equipamentos de apoio a história, cultura e educação ambiental. O local contém as ruínas da casa do herói da guerra contra os holandeses, Fernandes Vieira, deve ser destacado na composição do parque e complementado com informações sobre a região do antigo engenho de açúcar. Propõe-se a criação de espaços para a atividades culturais como uma forma de ligação deste parque histórico e cultural com o teatro e centro de convenções.

O Parque de Lazer da Lagoa do Cavouco (F), proposto no limite do campus com o bairro da Várzea, tem potencial para ser um lugar de grande vitalidade urbana devido à proximidade com o Colégio de Aplicação e áreas residenciais vizinhas. Dessa forma deve-se implementar equipamentos de lazer como playground, pista de skate, áreas de estar e convivência e mesas de jogos com sombra que atendam aos anseios não só da comunidade acadêmica, como também dos moradores do entorno. Outras áreas importantes são as esquinas das quadras que devem ser abertas, com uma pequena praça de acesso, para criar uma identidade com o entorno.

O Parque esportivo (G) requalificaria os equipamentos, piscinas e quadras esportivas existentes, criando um parque integrando tanto ao campus como à vizinhança, para o qual seria aberto nos finais de semana.

Em termos urbanísticos, as expansões ocupando áreas verdes devem ser evitadas a qualquer custo. Nas proximidades das áreas de convivência este sentido, novos edifícios podem ser propostos com o papel de absorverem as novas demandas por espaço e de articuladores dos edifícios existentes através de seu posicionamento estratégico e de conexões complementares (passarelas, marquises, praças, mobiliário urbano). Estes novos edifícios devem ter sempre *pilotis* altos e liberado como forma de facilitar a integração, física e visual, entre os centros.

Para as novas construções o objetivo é garantir a continuidade das qualidades espaciais existentes, com a definição de normas para de implantação para novas edificações, com afastamento mínimo de 20 metros em relação ao sistema viário e de 15 metros entre edificações, como previsto no plano de 2005.

Em relação às áreas verdes, propõe-se que estas áreas sejam recuperadas e conservadas para usufruto tanto da comunidade universitária, como a que mora em seu entorno. O campus deve ser pensado como um grande parque

Em relação à mobilidade deve-se priorizar os modos de transportes não motorizados dentro do campus, e enfatizar o transporte coletivo nos grandes eixos, restringindo a circulação dos automóveis e promovendo a implantação de ciclovias e faixas de ciclistas ao longo do sistema viário existente.

Considerações finais

Embora seu projeto não tenha sido totalmente implementado, o campus guarda ainda uma série de valores é um exemplo significativo da arquitetura e urbanismo modernos. Ele detém grandes qualidades urbanísticas e espaciais, assim como significativos exemplares de edifícios modernos, que merecem ser preservados para as futuras gerações. O campus ainda é um importante espaço verde e tem um papel estratégico para a cidade.



Apesar da sua significância, muitas das qualidades espaciais e paisagísticas do campus estão sendo ameaçadas, devido à ausência de uma política contínua de conservação e gestão dos edifícios e espaços livres. O campus enfrenta ainda uma série de carências para desempenhar a sua função a contento. Estes desafios podem ser uma excelente oportunidade de a UFPE e seu Campus também se reinventarem enquanto lugar de protagonismo na sociedade e na cidade.

A confecção de um novo plano diretor que procure requalificar o campus e, ao mesmo tempo, garantir a manutenção de seus valores, preservando a memória e a identidade local, é uma tarefa urgente. As estratégias urbanísticas aqui elencadas podem ser um ponto de partida para um plano que transforme o Campus da UFPE em um parque do conhecimento e de inovação do Recife. Elas também podem ajudar em uma requalificação urbana da região ao seu redor. Neste sentido, é preciso inserir o esforço do plano diretor da UFPE dentro de uma estratégia de planejamento mais alargada que inclua a cidade ao seu redor. Assim, buscou-se aqui uma visão de longo prazo a partir do horizonte de 2027, quando a Faculdade de Direito que deu origem a UFPE comemora seus 200 anos, e 2037, quando a cidade do Recife completará 500 anos. Busca-se a visão do Campus como um parque do conhecimento e da inovação fundamentais à construção de um sistema de espaços livres para se atingir a cidade-parque, que seria uma cidade inclusiva, saudável, segura e próspera.

É preciso ainda construir uma sólida aliança com os diversos atores presentes na área: moradores e grupos sociais locais, diferentes instâncias governamentais, e proprietários de grandes glebas ao redor. Faz-se necessário ainda criar um trabalho de educação patrimonial com o intuito de fortalecer os laços afetivos dos usuários com o conjunto, de forma a fazer com que os valores do conjunto se estabeleçam como algo a ser preservado e não sistematicamente eliminado.

Referências bibliográficas

- ALFARO, C.G., ed. **Form and pedagogy: the design of the university city in Latin America**. Cambridge: Applied Research + Design Publishing, 2015.
- ANDRADE, M.C. **A constituição do Recife metrópole regional**. PDCR documentos. Recife: PCR/SEPLAN, novembro de 1990.
- CABRAL, R.C. **Mario Russo: um arquiteto italiano racionalista no Recife**. Recife: Editora da UFPE, 2006.
- CASTRO, J. **A cidade do Recife: ensaio de geografia urbana**. Rio de Janeiro: CEB, 1951.
- MELO, M.L. **Metropolização e Subdesenvolvimento: o caso do Recife**. Recife: Editora da UFPE, 1978.
- MENEZES, J.L.M. **A ocupação do Recife numa perspectiva histórica**. PDCR documentos. Recife: PCR/SEPLAN, novembro de 1990.
- MOREIRA, F.D. A aventura do Urbanismo Moderno na cidade do Recife (1900-1965) in LEME, Maria Cristina, org. **Urbanismo no Brasil, 1895-1965**. São Paulo: Studio Nobel/FAUUSP/FUPAM, 1999.
- OUTTES, J. **O Recife pregado à cruz das grandes avenidas: contribuição à história do urbanismo (1927-1945)**. Dissertação de Mestrado. Recife: MDU-UFPE, 1991.
- PINTO, G. BUFFA, E. **Arquitetura e educação: campus universitários brasileiros**. São Carlos: Edufscar, 2009.
- PONTUAL, V. A utopia de um novo tempo. in: **IV Seminário de História da Cidade e do Urbanismo**. Rio de Janeiro: PROURB/UFRJ, 1997.
- PRUDON, Theodore. **Preservation of Modern Architecture**. New York: John Wiley, 2008
- UFPE. **Plano Diretor UFPE, Campus Recife: Proposta Preliminar para discussão**. Recife: UFPE 2015

13º Seminário
do_co,mo,mo_
brasil

Salvador – BA
7 a 10 de outubro de 2019



UFPE, Campus Universitário Joaquim Amazonas. Plano Diretor Físico. Recife: UFPE, 1985